

O Diabo e o “reino de Deus”

Margarida Oliva

Licenciada em Letras-PUC (Campinas)

Mestre em Ciências da Religião-PUC-SP.

Resumo: Estamos no auge de uma crise que começou com a falência do mundo cristão. O período entre o mundo velho, que se foi, e o novo, que está em gestação, assemelha-se a um caos. Os homens não sabem como viver no mundo criado por eles. Valores tradicionais perderam sentido. Com a violência crescente por toda parte, vemos também ressurgir o misticismo, sob variadas formas. Para compreender a “sangria” da Igreja Católica no Brasil, que está perdendo adeptos para os novos movimentos do Pentecostalismo Evangélico, é preciso ir às raízes do fato.

Além de rever a forma como foi implantada a Igreja Católica no País, necessitamos mudar também os paradigmas de nossos conceitos de humanidade e de religião. Este é o assunto de minha dissertação, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, publicado como O Diabo no “Reino de Deus”.

Palavras-chave: caos; violência; misticismo; humanidade; pentecostalismo; religião.

Abstract: We are at the peak of a crisis that began with the bankruptcy of Christendom. The interregnum, between the old world that has gone and the new one that is in gestation looks like a chaos: men do not know how to live in the world they have created. Traditional values are upside down. With violence mounting everywhere, we also see the resurgence of mysticism. To understand the “bleeding” of the Catholic Church in Brazil, which is losing former adepts to the new religious movements of the Evangelical Pentecostalism, we must look at the roots of the fact. Besides reviewing the way in which the Catholic Church was established in Brazil, we must also change the paradigms of our concepts of mankind and religion. This is the subject of my dissertation in the Post-Graduation Program in Sciences of Religion, which was published as “O Diabo no “Reino de Deus” (The Devil in “God’s Kingdom”).

Keywords: chaos; violence; mysticism; mankind; Pentecostalism; religion.

Estamos vivendo, neste fim de milênio, os efeitos colaterais de uma época de grandes mudanças, que teve início por volta do século XVI, com o alargamento das fronteiras do mundo, a ciência que se emancipa da filosofia tradicional, a revolta dos intelectuais contra a pretensão da hierarquia católica de ter a última palavra sobre todas as coisas, os albores da democracia e a derrocada da cristandade. O período moderno da história caracterizaria, por assim dizer, a crise de adolescência da humanidade – pelo menos no Ocidente. Período de descobertas, deslumbramentos, incertezas, inseguranças, anseios indefinidos, frustrações, angústias... Veleidades de independência e rebeldia, a par de comportamentos infantis de medo e de apelo à proteção de tudo o que pode substituir a autoridade paterna: gurus e ditadores, bandos e ideologias. Crise de uma nova consciência que surge, sem o despojamento de velhos hábitos.

Uma era está acabando. O progresso tecnológico reduziu as distâncias e o tempo, e criou um mundo novo de máquinas e robôs. Desaparece a comunidade rural, o contato com a natureza e a vida pautada pelo ritmo do dia e da noite, das estações do ano. Predomina a agitação da vida urbana dos grandes centros, com seus arranha-céus, sua aglomeração humana, seu anonimato e sua solidão. O capital já dispensa o trabalho humano, reduzindo pessoas a lixo jogado nas ruas. O reconhecimento de igual dignidade e competência do homem e da mulher, e a conseqüente autonomia feminina, desmantela o modelo vigente de família, da qual se descarta a função do pai. A humanidade adolescente, inebriada de liberdade e de poder, perde o sentido da vida, entregando-se às ilusões do sexo pelo sexo, das drogas e da violência pura e simples. Se a vida não tem sentido... É o caos! Fim de uma civilização, de um mundo? Presságios de uma nova era? São assaltos a mão armada aqui, minas antipessoa ali, guerras civis acolá, terrorismo por toda parte, efeito estufa ameaçando a vida no mundo inteiro, fome, aids, desemprego, multidões sem-terra, sem-teto, sem-saúde, sem escola, falência de valores morais, corrupção generalizada, desrespeito total à dignidade da pessoa humana... Tudo efeito da ação "inteligente dessa espécie animal dita racional!

É nesse clima que surgem os inúmeros novos movimentos religiosos, por meio dos quais se busca sentido para o que parece não ter sentido, na expectativa de conforto e segurança diante da ameaça da violência que nos persegue de todos os lados: em casa, nas ruas, no trânsito, nos jornais, na televisão.

A religiosidade que se faz notar, hoje, por toda a parte no mundo, manifesta-se em dois níveis: o erudito e o popular. A religiosidade erudita acompanha uma mentalidade nova, informada pelas ciências - física, psicologia, medicina, biologia, ecologia - que alargaram as fronteiras do saber humano, divisando "mares nunca d'antes navegados". E, diante do desconhecido, do que não pode ser provado, medido e pesado, a imaginação se acende. O mundo se reencanta e se revela povoado de duendes e gnomos, de influências extraterrestres, de forças ocultas. Quanto à religiosidade popular, ressuscita o diabo e seus demônios, que nunca estiveram deveras mortos. Em ambos os níveis de religiosidade observam-se uma insatisfação e um retorno a camadas mais primitivas da mente humana. O nível mais culto sente-se atraído pelas religiões mais antigas e pelo esoterismo, o ocultismo e a gnose. O mais inculto revive a religiosidade da Idade Média, na qual todas as Igrejas evangélicas, pentecostais ou não, têm também as suas raízes.

A proliferação de novas Igrejas cristãs

O crescimento do número de seitas ou novas Igrejas evangélicas, do ramo pentecostal, introduzidas no Brasil a partir de 1910 e que se expandiram, especialmente, com o movimento de urbanização do País, de 1930 para cá, incomoda as Igrejas cristãs clássicas e ameaça a hegemonia da religião católica no País. Calcula-se que cerca de 600 mil "católicos" emigram, por ano, para as seitas pentecostais e neopentecostais. Fala-se de "sangria" da Igreja Católica. Mas qual Igreja Católica? A das estatísticas do IBGE?

Quando o Brasil foi colonizado, todo o mundo ocidental era católico. A conquista das terras para o rei e Portugal era, ao mesmo tempo, conquista das almas para Cristo. A salvação dependia do batismo, por meio do qual se acedia a fé, isto é, às práticas rituais da religião do colonizador. Não era a fé que se expressava no batismo, mas, ao contrário, o batismo que introduzia o sujeito na fé. Quer dizer, a fé cristã não era um ato de adesão livre, mas uma imposição cultural. Aliás, na encíclica "Mirari vos", de 1832, o papa Gregório

condenava como absurda errônea, verdadeiro, a defesa da liberdade de consciência de qualquer um...

Para se entender a facilidade com que se alastramos movimentos religiosos no Ocidente cristão é preciso lembrar a tradição católica, iniciada com o reconhecimento como religião oficial do Império Romano, no século IV, quando o batismo passou a garantir a cidadania. No Brasil, a igreja esteve sob a dependência do Estado desde os primórdios até a Proclamação da República, em 1889. O catolicismo, no período monárquico, no dizer do Pe. Júlio Maria, se traduzia “nos atos individuais da Fé, e nas cerimônias do culto, que, aliás, já se viu quão deturpado se nos apresenta na vida das paróquias” (MARIA apud BRUNEAU, 1974, p. 56).

Dadas as circunstâncias da implantação da Igreja Católica no Brasil, será que podemos dizer que houve realmente evangelização? Ou apenas doutrinação? Numa catequese formal, dissociada da vida, as definições doutrinárias, os sacramentos e todos os símbolos ficam vazios e abertos à imaginação e à devoção de cada um. Não há uma educação da fé, mas simples fomento do sentimento religioso distintivo da criatura humana. Daí o trânsito fácil de uma religião para outra. Não é de admirar a prontidão da religiosidade popular em aderir a propostas religiosas que responda, de maneira inteligível e imediata, aos anseios humanos de ser mais.

Para entender a crise cultural que estamos vivendo e a atual explosão do fenômeno religioso – alardeado nas manchetes de jornais e capas de revistas, em programas de televisão e horários radio fônicos – parecendo, muitas vezes, facilmente manipulável por falsos profetas, é preciso rever, nossa concepção do ser humano.

Uma nova visão do homem

O mito bíblico da criação do Homem (macho/ fêmea), despidido da interpretação tradicional, revela-nos a condição humana e ser incompleto, possuído de uma insatisfação inconsciente que o impele a romper as amarras do irracional. O seu primeiro ato de liberdade o introduz na esfera da consciência, descobrindo a responsabilidade e a culpa,

sua força e fraqueza, o desejo e o medo, a vida e a morte. O que, tradicionalmente, chamou-se de “queda” foi, de fato, a elevação de uma linhagem animal ao nível da consciência, no processo de humanização.

Nesse processo evolutivo de uma espécie dentre os primatas, a linha dos homínídeos, verifica-se uma continuidade e uma ruptura. A capacidade de imitação, que se observa nos animais, acentuadamente entre os animais superiores, desenvolve-se no homínídeo, acompanhando o desenvolvimento da massa encefálica. Essa capacidade está na base de toda aprendizagem e da socialização. Sem ela não haveria cultura. Mas essa capacidade tem um aspecto particular, já observável entre os macacos: a mimese de apropriação, a imitação do desejo do outro. Ambos, macaco e homem, querem o objeto desejado pelo seu semelhante, que lhe oferece o modelo de ser. O que parece bom para o outro deve ser bom para mim... O desejo de um é despertado pelo desejo do outro. Ora, quando dois querem o mesmo objeto, surgem a rivalidade, a disputa, o conflito. Desejo mimético e violência são as duas faces de uma mesma moeda. A continuidade do desejo mimético é a marca de nossa irracionalidade básica.

Os animais disputam entre si a comida, o abrigo, a fêmea. Entre os irracionais, essa disputa, no seio do bando, é regulada por um controle instintivo, que impede, de modo geral, que um indivíduo mate o seu semelhante. A disputa tem mais o sentido de estabelecer a hierarquia de poder no bando. Na passagem do irracional ao nível racional, o homínídeo desenvolve enormemente a capacidade mimética e, portanto, o estímulo para o conflito, perdendo o controle instintivo da violência. O bando de homínídeos enfrenta o caos. Cada indivíduo, vendo no outro um modelo a imitar, enreda-se nas malhas da rivalidade mimética.

Lançam-se um contra o outro na luta pela posse do mesmo objeto, que se torna tanto mais desejável quanto mais é desejado pelo outro. Uma vez desencadeado o conflito, perde-se de vista o objeto desejado. O desejo mimético se transforma em obsessão recíproca de rivais. A violência é contagiosa. E acaba envolvendo todos numa violência unânime contra uma única vítima, sobre a qual se abate a violência de todos. A violência unânime, descarregada contra uma única vítima – o bode expiatório –, traz alívio e restaura a paz, possibilitando a vida em grupo. No processo de humanização, a perda do controle

instintivo da violência marca a ruptura com o mundo puramente animal e a violência descontrolada precede o estágio inicial da humanidade.

Uma verdadeira ciência da religião?

Na hipótese de René Girard¹, para o qual o sagrado primitivo é a violência, esse processo vitimário é o parto da humanidade, da sociedade e da religião. A consciência humana teria aflorado com a experiência da violência ameaçadora de morte que, descarregada sobre uma vítima, instaura a paz. A vítima, antes culpada de todo o mal que ameaçava o bando, passa a ser vista, depois de morta, como propiciadora da vida do bando. E torna-se sagrada, como oferta de propiciação ao Sagrado. A noção do sagrado surge da experiência da violência humana percebida como força transcendente, ao mesmo tempo ameaçadora de morte e propiciadora de vida. Violência humana projetada para fora do indivíduo e do grupo.

Esse mecanismo de alienação e projeção – tão familiar – funda a religião, artefato cultural que tem por função manter sob controle a violência latente na comunidade. o eixo da religião primitiva é o sacrifício ritual, que repete indefinidamente o ato fundante da sociedade humana. O rito sacrificial é um ato de violência controlada, que dá vazão à violência grupal represada pelos interditos que delimitam o espaço do desejo. Objetos e comportamentos que podem desencadear a violência recíproca são proibidos. Tabus. Rito e interdito se explicam pelo mito: o discurso que justifica o status quo, a realidade vivenciada, atribuindo a forças sobrenaturais o que é da responsabilidade humana

A religião primitiva está na base da organização social. É o arquétipo estruturador da sociedade, para a qual se foi transferindo, aos poucos, a sua força. Todo e qualquer exercício de poder se reveste da aura do sagrado. O controle da violência individual pelo rito sacrificial transfere-se para o órgão judiciário. Os interditos se transformam em leis,

¹ Historiador e antropólogo cultural francês, professor em Stanford, Califórnia. Sua antropologia mimética é explicitada em várias obras, dentre as quais destacamos: *La violence et le sacré*. Grasset, 1972; *Des chos escachées depuis la fondation du monde*. Grasset, 1978; *Le bouc émissaire*. Grasset, 1982; e *Quand ces choses comenceront ...* Arléa, 1994. Da passagem desse autor pelo Brasil, em junho de 1990, resultou um livro, *René Girard com teólogos da libertação, coedição das editoras Vozes e Unimep*, 1991.

costumes, etiquetas... E os mitos continuam nas doutrinas e histórias oficiais e nas ideologias dominantes, que justificam o status quo.

A hipótese girardiana e a Igreja Universal do Reino de Deus

Como toda palavra, atitude ou posição inovadora, a teoria girardiana suscita adeptos fervorosos e adversários igualmente apaixonados. Há uma forma de leitura, apressada ou viciada, que não distingue nuances, exagera os contrastes e absolutiza as ênfases. Por outro lado, pode haver um bloqueio mental, que nos torna incapazes de ultrapassar paradigmas anteriores para reestruturar o olhar a partir de outros ângulos. A hipótese girardiana não é de fácil aceitação. Entretanto, é extremamente instigante e dá sentido ao que parece absurdo.

Ao escolher a questão da proliferação das seitas como tema para a dissertação de mestrado em Ciências da Religião, foca lizei, como objeto de estudo, a Igreja Universal do Reino de Deus, que despontava nas manchetes de jornais e revistas, sus citando dúvidas e indagações. O que chamava a atenção dos jornalistas era a sua rápida expansão e crescente poder econômico. Entretanto, o que mais me impressionou, ao frequentar as sessões de exorcismo, foi, de um lado, um certo clima de violência que se criava no decorrer do culto e culminava na expulsão dos demônios e, de outro, a fé ingênua e fervorosa dos fiéis. Que relação poderia haver entre religiosidade, violência e exorcismo?

A leitura de *A violência e o sagrado*, de René Girard (1990), que até então não me tinha empolgado, passou a ter mais sentido. E a dar sentido novo à velha crença no Diabo e ao rito do exorcismo praticado na IURD, que me parecia uma edição moderna do religioso primitivo.

Conclusão

A dissertação de mestrado, *Ação diabólica e exorcismo*, apresentada na PUC, em 1995, virou livro (OLIVA 1997): *O Diabo no "Reino de Deus" - por que proliferam as seitas?*

A tentativa de dar uma resposta a essa questão, levanta outras perguntas. O arquétipo religioso primitivo poderá ser substituído por outro? A utopia cristã do Reino de Deus, em que a misericórdia substitui o sacrifício, corresponderia a uma lenta, mas progressiva, evolução da consciência humana? O cristianismo se reduz ao esquema da religião primitiva (sagrado violento que exige sacrifício) ou é a revelação de uma plenitude humana a ser alcançada? Jesus Cristo “resgata os pecados do mundo” porque morreu na cruz como vítima de dimensões infinitas ou porque encarna um espírito novo que, como fermento, completa o processo de humanização e instaura um novo modelo de convivência?

Uma vez que se começa a pensar, não há como parar de perguntar... Depois de ter tentado penetrar a religiosidade que se expressa na IURD pela via do exorcismo – que é o detalhe mais espetacular e a razão de ser da nova Igreja –, resta ainda um outro detalhe a investigar: o papel do Espírito Santo na dinâmica eclesial. Na pregação iurdiana, a libertação do demônio é a porta de entrada para a vida de abundância dos filhos de Deus tanto pastores como obreiros são escolhidos mediante a manifestação do Espírito Santo. De fato, há um dia da semana e um horário, no domingo, dedicado à busca e louvor do Espírito Santo. A pesquisa desse outro detalhe da religião iurdiana acrescentaria, certamente, outros elementos para uma melhor compreensão do fenômeno religioso iurdiano, em particular, e pentecostal de modo geral. Fica aqui lançado o desafio.

Bibliografia

BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*, trad. Martha Gambini, revisão técnica Edgard de Assis Carvalho (Unesp). São Paulo: Paz e Terra, 1990.

MARIA, Júlio; DE MORUES CARNEIRO, Júlio Cesar. *O catolicismo no Brasil: memória histórica pelo padre Júlio Maria*. Rio de Janeiro: Agir, 1950.

OLIVA, Margarida. *O Diabo no Reino de Deus*. São Paulo: Musa Editora, 1997.